

Os Círculos de Cultura para Construção de Metodologias Ativas: Democratizando o Espaço da Sala de Aula

Culture Circles for Building Active Methodologies: Democratizing the Classroom Space

Almir Paulo dos Santos¹, Cláudia Adriana da Silva², Moises Marques Prsybyciem³, Tania Berlanda⁴ e Vânia Carbonera⁵

1. Filósofo. Mestre e Doutor em Educação pela UNISINOS. Docente do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). <https://orcid.org/0000-0002-9283-3178>

2. Física. Mestre e Doutora em física pela UFS. Docente do Curso da Educação do Campo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). <https://orcid.org/0000-0003-1666-3864>

3. Químico. Professor universitário da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). <https://orcid.org/0000-0001-8220-7416>

4. Pedagoga. Mestranda em Educação pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). <https://orcid.org/0000-0002-1072-1587>

5. Pedagoga. Especialização em Educação Infantil pela UNOPAR. Docente na Educação Infantil. <https://orcid.org/0000-0001-8351-7598>

almir.santos@uffs.edu.br

Palavras-chave

Círculos de Cultura
Democracia
Metodologias ativas
Problematização

Keywords

Culture Circles
Democracy
Active Methodologies Pro-
blematization

Resumo:

Este artigo tem o objetivo de problematizar o espaço da sala de aula, como um processo de ensino e de aprendizagem democrático apontando os círculos de cultura para construção de metodologias ativas. A abordagem metodológica utilizada é qualitativa, delineada como bibliográfica, apoiando-se na perspectiva teórica de Paulo Freire. Os círculos de cultura como problematização da sala de aula são condições necessárias para formação de uma consciência coletiva crítica de si mesmo e da realidade social, uma vez que se valoriza a cultura e as experiências dos sujeitos. Possibilita o desenvolvimento da autonomia e a tomada de decisão individual e coletivamente na resolução de problemas reais da comunidade. Os educandos são protagonistas do processo educacional e social, bem como os educadores são os mediadores, aprendendo e ensinando ao mesmo tempo. Essas reflexões podem ampliar a compreensão dos professores e da gestão escolar para o uso dos círculos de culturas para construção de metodologias ativas no espaço da sala de aula.

Abstract:

This article aims to problematize the classroom space, as a democratic teaching and learning process, pointing out the culture circles for the construction of active methodologies. The methodological approach used is qualitative, outlined as bibliographic, based on Paulo Freire's theoretical perspective. The culture circles as a problematization of the classroom are necessary conditions for the formation of a critical collective conscience of oneself and of the social reality, since the culture and the experiences of the subjects are valued. It enables the development of autonomy and decision-making individually and collectively in solving real community problems. Students are protagonists of the educational and social process, as well as educators are the mediators, learning and teaching at the same time. These reflections can expand the understanding of teachers and school management for the use of circles of cultures to build active methodologies in the classroom space.

Artigo recebido em: 22.08.2022.

Aprovado para publicação em: 14.09.2022.

INTRODUÇÃO

O processo de ensino e de aprendizagem no século XXI demanda metodologias mais ativas e práticas pedagógicas cooperativas e participativas que despertem a curiosidade e a motivação dos educandos na resolução de problemas reais da comunidade. Assim, deve-se compreender, enquanto educando e educador, que somos sujeitos em constante construção e transformação, bem como a sala de aula um espaço de diálogo.

Nesse sentido, as metodologias ativas têm sido um tema de muitas discussões com interesse em uma diversidade de áreas da educação, como de seus profissionais. Na educação, embora há algum tempo a temática vem sendo investigada, ainda são necessárias mudanças para efetivação das metodologias ativas e da gestão educacional democrática nas práticas pedagógicas na universidade.

O desenvolvimento do trabalho pedagógico com metodologias ativas significa pontuar uma outra forma relacional entre os professores, estudantes e em relação à ciência existente. Na percepção de Moran (2018), as metodologias ativas são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do conhecimento. Enfatizam o papel do estudante enquanto protagonista, participativo e reflexivo em todas as etapas do processo de aprendizagem.

Na educação superior, considerar tais aspectos pode favorecer consideravelmente o envolvimento dos estudantes em suas atividades acadêmicas, sejam essas no ambiente da sala de aula ou em outras atividades da universidade. Outro aspecto, pode contribuir para a permanência estudantil, tendo em vista a necessidade de pertencimento e autonomia, necessidades essas fundamentais para a motivação dos acadêmicos universitários para a aprendizagem.

Assim, este trabalho tem como objetivo problematizar o espaço da sala de aula, como um processo de ensino e de aprendizagem democrático, apontando os círculos de cultura para construção de metodologias ativas. Esta pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, classificada como pesquisa bibliográfica com base em Moreira e Caleffe (2008).

Para dar conta dessa problemática, o artigo é apresentado em três seções. A primeira abordaremos que o ensinar e o aprender exige a consciência do inacabamento, como uma perspectiva reflexiva do professor/a no espaço da sala de aula e sua continuidade constante nos processos formativos e pedagógico. A segunda seção, apresentamos alguns conceitos, importâncias e práticas de metodologia ativas, como caminho para a inovação teórico/metodológica para o ensino e aprendizagem em sala de aula. E para finalizar o debate bibliográfico, os Círculos de Cultura como a possibilidade metodológica, alicerçada por Paulo Freire, que certamente contribui com as práticas pedagógicas em sala de aula, permanecendo vivas até os dias atuais.

O ENSINAR E O APRENDER EXIGEM A CONSCIÊNCIA DO INACABAMENTO

A formação docente no âmbito histórico da educação brasileira está inserida numa lógica de produção e trabalho capitalista. Essa subordinação formativa ao capital se desenvolve quando a universidade, escola e o espaço da sala de aula se tornam tradicionais (concepção bancária de educação), em que o educador (depositante) detém os conhecimentos e o educando (depositário) recebe os conteúdos, sem uma proposição de diálogo reflexivo da realidade.

Esse modelo de ensino não só aprofunda o avanço ideológico do capital, como direciona a formação de professores a dar continuidade e reproduzir um ensino dentro dessa mesma perspectiva tradicional aos novos

profissionais, estabelecendo um ciclo vicioso. Caracteriza-se como um ensino burocrático estatal, ideológico e controlador, que se reproduz no interior das escolas e de seus trabalhadores, similar ao processo produtivo,

Ter consciência do nosso inacabamento, da minha inconclusão é compreender que a sala de aula é um espaço de diálogo, de sujeitos que dialogam, se compreende a si mesmos e coletivamente intervém na realidade. Essa transformação de si, nos espaços da sala de aula ocorre a partir da presença da linguagem entre os sujeitos, numa posição de respeito entre os sujeitos, que ali dialogam com os conhecimentos.

Assim, a sala de aula é um espaço que exige responsabilidades entre os atores sociais (professor e aluno). Esses atores precisam respeitar-se a si mesmos, fazendo as suas compreensões em relação aos conhecimentos a serem dialogados com a realidade concreta. Para Freire (1996, p. 22), uma das tarefas mais elementares da prática educativa crítica é “propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se”.

Essas condições para que o educando se sinta sujeito do processo pedagógico estão conectadas as metodologias que são utilizadas no espaço da sala de aula, preparadas pelos atores da sala de aula para promoção do engajamento dos alunos na construção do conhecimento. Dessa forma, o conhecimento gera problematização e espaços de experiências de si e da realidade de cada sujeito, produzindo novos saberes.

Democratizar o espaço da sala de aula na universidade está alicerçada na prática pedagógica permeada pela pesquisa, na relação integrada entre educando e educador, que de forma ativa constrói a autonomia pedagógica participativa, coletiva e com responsabilidade de todos para com os processos de ensino e de aprendizagem. São facetas permeadas de complexidades e, por isso, é preciso reinventar metodologias de ensino que possam desenvolver uma formação crítica e transformadora, bem como estar disponível para mudanças durante o processo. É uma relação entre teorias e práticas imbricadas a realidade social, cultural e política, consciente de seu papel de transformação social e educacional.

Um dos pontos de diálogo das práticas de sala de aula, geralmente, consiste no carácter metodológico. O professor, muitas vezes, tem domínio sobre a temática (conteúdos), mas apresenta dificuldade de despertar a curiosidade e a motivação do educando. Tal processo é fundamental quando se deseja um engajamento ativo e o protagonismo dos alunos.

Freire (1996) traz a sugestão de uma educação problematizadora, que se opõe a concepção bancária. Nela, os alunos participam e desenvolvem a compreensão de si e do mundo, buscando, dessa maneira, transformar a realidade. Nesse processo, tomar consciência de sua autonomia e constituem-se no espaço da sala de aula como sujeitos de diálogos com os demais que ali constroem conhecimentos.

Uma educação problematizadora transforma o espaço da sala de aula num processo participativo de conhecer e buscar as soluções de problemas, construindo significados. Isso impulsiona para que o ensino e a aprendizagem se tornem processos de pesquisa que vão ao encontro das dimensões teóricas e práticas da realidade social, conectando-se a escola e o próprio espaço da sala de aula. É um movimento ativo de participação de educador e educando como os protagonistas da ação. Assim, “uma experiência desperta curiosidade, fortalece a iniciativa e suscita desejos e propósitos suficientemente intensos para conduzir uma pessoa onde for preciso no futuro” (DEWEY, 1976, p. 29).

Essa perspectiva formativa transcende os limites da sala de aula, pois vai ao encontro de formar o educando e educador num processo permanente de aprender e ensinar a partir dos conhecimentos científicos e as experiências cotidianas em diferentes tempos e espaços educativos. É uma formação permanente de experiências que se origina nas práticas democráticas no espaço da sala de aula, mas que vai além, servindo de mecanismos para avançar nos processos de ensino e de aprendizagem em suas diferentes especialidades. É

um processo inacabado, construído na história de vida, nas práticas da experiência pessoal e coletiva, determinante para o habituar o educando e educador a estar em constantes diálogos e experiências, alargando os conhecimentos de si e do mundo.

O espaço da sala de aula é constituído de diversas facetas, sujeitos, metodologias, conhecimentos, cultura, enfim, carregado de intencionalidades e valores que permitem alargar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, com a cientificidade, produzindo novas experiências, constituindo novos saberes. São construções coletivas que educandos e educadores aprendem conjuntamente. É um movimento dinâmico, integrado, tendo como princípio o desenvolvimento do ensino e aprendizagem de si, como dos contextos sociais por onde esses conhecimentos são socializados.

A utilização de métodos tradicionais, que desenvolvem a transmissão de conhecimentos e informações pelos professores, nos permite dizer que não são mais atrativos no desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem no contexto da sala de aula. O professor em exercício é um articulador de informações e conhecimentos, proporcionando a troca de ideias com seus alunos. Exige, certamente um repertório de saberes e conhecimentos, que de forma metodológica constrói práticas pedagógicas. As metodologias ativas e a gestão educacional democrática são ferramentas essenciais para qualificar o espaço de sala de aula e tornar educador e educandos sujeitos do ensinar e aprender conjuntamente.

A SALA DE AULA COMO ESPAÇO DE CONSTITUIÇÕES DE METODOLOGIAS ATIVAS

A inovação metodológica no espaço da sala de aula é um desafio a ser construído pelo professor e aluno como possibilidade de uma práxis pedagógica que permite desenvolver um processo de ensino e de aprendizagem criativo, crítico, reflexivo, focalizando, assim, a colaboração entre os sujeitos, que conectam o conhecimento científico, com os problemas sociais reais. Embora ainda se faz necessário avançar muito nas pesquisas para o campo metodológico, que permita qualificar a prática pedagógica no contexto da sala de aula, as metodologias ativas nos parecem fornecer caminhos possíveis para melhoria da educação.

Segundo Camargo e Daros (2018), as metodologias ativas fundamentam-se em maneiras de desenvolver o processo de aprendizagem, utilizando experiências da realidade social, visando a resolução dos desafios da prática social e profissional em diferentes perspectivas e contextos. As metodologias ativas problematizam a realidade, conectando aos conteúdos científicos a serem desenvolvidos a partir de problemas reais dos alunos, ocorrendo, assim, um envolvimento mais ativo no processo formativo.

Com os avanços tecnológicos e científicos no contexto social contemporâneo, observa-se ainda uma grande dificuldade de educadores utilizar em sua prática pedagógica em sala de aula metodologias que não aproximam o educando do processo de ensino aprendizagem. Modelos orais e escritos, toram-se um dos únicos recursos mais utilizados para o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem. Desse modo, o educando torna-se passivo e observador “cada vez mais a esperar tudo produzido pelos professores” (CAMARGO & DAROS, 2018, p. 27).

As metodologias ativas surgiram no Brasil a partir do movimento da Escola Nova, que defendia uma educação voltada para uma prática socializadora. Nesse processo, o educando ocupava a centralidade na aprendizagem, bem como o desenvolvimento do conhecimento tinha como base a curiosidade dos alunos. Moran (2015) aponta que o manifesto dos Pioneiros da Educação Nova teve seu ensejo no ano de 1934 com a promulgação da Constituição Federal, explicitando que a educação é um direito de todos.

A educação como um direito de todos abriu a possibilidade de avançarmos em construir espaços de sala de aula com diferentes perspectivas educativas, inclusive com as metodologias ativas, que inicialmente propiciaram uma forma ativa e reflexiva de participação dos educandos, também como sujeitos do processo. “Nas metodologias ativas, o aprendizado se dá a partir de um problema e situações reais, os mesmos que os alunos vivenciarão depois na vida profissional, de forma antecipada e durante o curso” (MORAM, 2015, p. 19).

O foco é preparar o educando para além das práticas da sala de aula, isso é, para a vida. É um processo como “uma forma de vida, é, primordialmente, uma forma de vida associada, de experiência conjunta e mutuamente” (DEWEY, 1959, p. 93). O educador acolhe o educando e propicia um ambiente de reflexão, participação e o gosto pela pesquisa, que se torna presente em outros espaços formativos, inclusive nos espaços sociais e de trabalho.

Para Berbel (2011), as metodologias ativas possibilitam despertar a curiosidade e o engajamento entre os conhecimentos científicos no contexto da sala de aula com a realidade e vivência do educando. “Essas metodologias tiram o foco do ‘conteúdo que o professor quer ensinar’, permitindo que o aluno estabeleça um vínculo com a aprendizagem baseado na ação-reflexão-ação” (MORAN, 2015, p. 33).

A sala de aula como espaço de constituição de metodologias ativas, fundamentadas pelo princípio da ação-reflexão-ação, proporciona uma formação de experiências e práticas diversificadas de ação pedagógica, possibilitando o educador uma constante reflexão da sua prática pedagógica. É durante o processo formativo que o educando tem contato com uma variedade de métodos, práticas, estratégias e recursos de ensino. “As salas de aula podem ser mais multifuncionais, que combinem facilmente atividade de grupo, de plenário e individuais” (MORAN, 2015, p. 19).

Considera-se que as metodologias ativas são estratégias pedagógicas que possibilitam desenvolver no educando um comportamento mais ativo, reflexivo e engajado no processo de ensino e de aprendizagem. Assim, a realização de atividades que estimulem a tomada de decisão coletiva e a autonomia são requisitos fundamentais para estimular o diálogo e a reflexão para construção do conhecimento. Ninguém é melhor do que o outro. Todos, somos potencialmente iguais para com o tratamento fornecido no espaço da sala de aula. O diálogo e o respeito pelas diversidades possibilitam a todos apreenderem, cada um com seu jeito ou forma de aprender.

Nesse sentido, entende-se que uma das raízes da metodologia ativa se encontra nos escritos de Freire (1987), uma vez que identificou a dicotomia entre o modelo de educação tradicional ou bancário em relação a pedagogia libertadora, caracterizando como problematizadora. A relação do educador com seu educando é de ouvinte paciente, conectado a vida do educando. Diferente das práticas pedagógicas de memorização ou de reprodução mecânica dos conteúdos e das práticas, a pedagogia libertadora, possibilita uma educação problematizadora que serve de libertação.

O educador não é o que apenas educa, mas enquanto educa, é educado, em diálogo com os educandos que, ao ser educado, também educa. Educador e educando se tornam sujeitos do processo e a sala de aula torna-se o espaço do conhecimento. “O objeto cognoscível, de que o educador bancário se apropria, deixa de ser, para ele, uma propriedade sua, para ser a incidência da reflexão sua e de seus educandos” (FREIRE, 1987, p. 39-40).

Bacich e Moran (2018) explicitam que a educação dialógica, participativa e que conscientiza, se desenvolve a partir da problematização da realidade. Essa metodologia da problematização possibilita o educando a criar situações que desperte a curiosidade pedagógica da vida concreta, conscientizando-se a si mesmo e o

ambiente social por onde percorre, transformando a realidade na perspectiva da autonomia participativa. Freire (1987) nos demonstra que a pedagogia da problematização dialoga, numa perspectiva problematizadora de ação-reflexão-ação de ser e estar no mundo.

As metodologias ativas, portanto, como práticas pedagógicas em sala de aula possibilitam o educando, também ser sujeito dos conhecimentos e das práticas, constituindo um pensamento crítico e uma atitude de autonomia para com os saberes. É um diálogo horizontal entre educando e educador, estimulando a participação ativas de todos os atores envolvidos. “O educador problematizador refaz constantemente seu ato cognoscente, na cognoscibilidade dos educandos. Estes, em lugar de serem recipientes dóceis de depósitos, agora são investigadores crítico em diálogo com o educador” (FREIRE, 1987, p. 40). O educador é um parceiro do educando, que de forma colaborativa produz saberes e compartilha, humanizando o espaço da sala de aula.

OS CÍRCULOS DE CULTURA COMO PROBLEMATIZAÇÃO DA SALA DE AULA

Organizado por Paulo Freire (1991), os Círculos de Cultura absorvem uma proposta pedagógica de caráter radical, democrático e libertador, apresentando uma proposição integral que requer uma tomada de posição frente aos problemas da realidade social e seus contextos. “Em lugar de aula discursiva, o diálogo. Em lugar de aluno, com tradições passivas, o participante de grupo. Em lugar dos “pontos” e de programas alienados, programação compacta, em unidades de aprendizado” (FREIRE, 1967, p. 102-103). Essa concepção nos promove a horizontalidade entre educando e educador, valoriza as culturas dos sujeitos e promove a oralidade e autonomia que contrapõe um ensino tradicional e bancário da educação.

As experiências dos Círculos de Cultura, também utilizado como método de alfabetização de adultos, inicia propiciando um debate referente a cultura, mobilizado pelos coordenadores dos círculos, proporcionando aos não alfabetizados um “descobrir-se, criticamente, como fazedor desse mundo da cultura. Descobriria que tanto ele, como o letrado, tem um ímpeto de criação e recriação” (FREIRE, 1967, p. 108).

Essa perspectiva de diálogo em relação a cultura torna-se uma das primeiras práticas pedagógicas que conduz o educando como sujeito de sua história. Os Círculos de Cultura contribuem para que os educandos assumam a sua dignidade como sujeitos de si e do mundo, detentores da história e de sua cultura, propiciando a cada educando a partir do diálogo, se constituir como seres humanos emancipados. Essa práxis pedagógica possibilita a tomada de consciência do educando, mediatizado pelo diálogo, sobre e com a realidade, desvelando as facetas culturais, sociais e político-econômicas. Uma “educação que, desvestida de roupagem alienada e alienante, seja uma força de mudança e de libertação. Educação para o homem-objeto ou educação para o homem-sujeito” (FREIRE 1967, p. 36). Esse educando, sujeito da educação privilegia o diálogo, as experiências culturais e sociais, problematizando a realidade que o cerca.

Como princípio metodológico, os Círculos da Cultura propiciam um respeito ao educando, a dialogicidade e o desenvolvimento da autonomia. Freire (1967) apresenta uma sistematização dos Círculos da Cultura, no formato didático/pedagógica no seguinte formato: investigação do universo vocabular¹, onde são extraídas palavras geradoras², permitindo o educando a interagir no processo pedagógico, definindo como ponto de partida temas geradores que promovam a integração do conhecimento, conectado a transformação social.

Esses temas geradores provindos da realidade social do educando se transformam em tematizações³ a serem investigadas, aproximando a realidade de vida do educando com o conhecimento científico. “Os temas,

em verdade, existem nos homens, em suas relações com o mundo, referidos a fatos concretos” (FREIRE, 2014, p. 137).

Assim, fomentam um olhar para a realidade vivida e a tomada de consciência das significações sociais dessa realidade, possibilitando a ampliação dos conhecimentos dos educandos sobre a realidade, intervindo criticamente sobre as diversidades de realidades. É um diálogo reflexivo e crítico entre educador e educandos que possibilita olhar para a realidade de cada educando, não mais com um olhar ingênuo, mas crítico sobre ela, postulando intervir. “O Círculo de Cultura, revive a vida em profundidade crítica. A consciência emerge do mundo vivido, objetiva-o, problematiza-o, compreende-o como projeto humano” (FIORI, 2014, p. 24). É um despertar para uma nova forma de experiência da realidade vivida pelo educando.

Freire (2011) relata um exemplo referente ao Círculo de Cultura em São Tomé, na África do Sul, com a alfabetização de adultos. Em seus escritos explicita o quanto foi significativo esse círculo nessa comunidade chamada Monte Mário, que elucida suas recordações e suas práticas pedagógicas, tão importantes para pensar o espaço da sala de aula no contexto pedagógico atual.

[...] O grupo de alfabetizandos olhava em silêncio a codificação. Em certo momento, quatro entre eles se levantaram, como se tivesse combinado, e se dirigiram até a parede em que estava fixada a codificação (o desenho do povoado). Observaram a codificação de perto, atentamente. Depois, dirigiram-se à janela da sala onde estávamos. Olharam o mundo lá fora. Entrelharam-se, olhos vivos, quase surpresos, e, olhando mais uma vez a codificação, disseram: “É Monte Mário. Monte Mário é assim e não sabíamos”. Através da codificação, aqueles quatro participantes do Círculo “tomavam distância” do seu mundo e o reconheciam. Em certo sentido, era como se estivessem “emergindo” do seu mundo, “saindo” dele, para melhor conhecê-lo (FREIRE, 2011, p. 57).

Tomar distância da sua própria realidade é olhar para ela com um outro olhar. Um olhar de reconhecimento de si mesmo, como sujeito que é parte integrante dessa realidade. Mas, agora com um outro olhar. Um olhar de desvelamento, de descoberta, que somos seres históricos, coletivos, com olhar atento para com o outro, tomando consciência de si e da realidade, problematizar e transformar de forma crítica e criativa com os outros sujeitos da realidade que aí fazem sua história. “Quanto mais conscientização, mais se desvela a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo” (FREIRE, 2008, p. 30).

A problematização torna-se um dos aspectos decisivos de superação da visão ingênua da realidade vivida para uma postura crítica, transformando a realidade vivida e a própria consciência do educando. Essa ação de problematizar é condição necessária para a constituição de uma consciência reflexiva da realidade e de si mesmo. “A conscientização não pode existir fora da práxis, ou melhor, sem o ato ação – reflexão. Esta unidade dialética constitui, de maneira permanente, o modo de ser ou de transformar o mundo que caracteriza os homens” (FREIRE, 2008, p. 30).

Observar todas as contradições da realidade é construir uma realidade concreta a partir dos sujeitos da realidade e a questão mais significativa desse Círculo Cultural é transformar a realidade e transformar a si mesmo, como sujeitos autônomos, reflexivos, dialógicos e coletivos. Os problemas desse modo são transformados de maneira coletiva, ganhando intensidade na transformação. A sala de aula ao refletir sobre as problematizações reais, auxiliados com os conhecimentos científicos, faz emergir um momento pedagógico de práxis social. Os Círculos Dialógicos se “[...] configuram-se em espaços e dispositivos de estudos em que pesquisadores e sujeitos interlocutores têm a possibilidade de dialogar abertamente” (HENZ; FREITAS,

2015, p. 81). O diálogo, se torna o elemento-chave, onde educandos e educadores se tornam sujeitos do espaço da sala de aula.

O diálogo potencializa o desenvolvimento da consciência crítica sobre a realidade vivida. Isso ocorre quando a prática pedagógica em sala de aula é trabalhada de forma horizontal. Igualdade entre todos/as, na prática de saber ouvir o outro, respeitar a sua linguagem, tendo como pano de fundo o diálogo como a força motriz da ação pedagógica para uma realidade concreta. O “diálogo podemos olhar o mundo e a nossa existência em sociedade como processo, algo em construção, como realidade inacabada e em constante transformação” (ZITKOSKI, 2010, p. 117). É no compreender-se como sujeitos presentes no espaço da sala de aula, cada educando expõe suas ideias sobre o seu mundo e sua compreensão sobre ele, percebendo-se como um ser capaz de intervir sobre a realidade.

Para Freire (2014), o diálogo predispõe amorosidade, como dimensão fundante. A humildade é um dos passos necessários para acolher, ouvir e participar. É um dos princípios fundamentais para que educador e educando se coloquem na posição de inacabamento. Olhar para a realidade na perspectiva da ação-reflexão-ação desenvolvendo uma consciência crítica dos problemas vividos, nos permite identificarmo-nos como educando e educador, como sujeitos históricos, implica-nos esperar.

Esse esperar democrático, se torna uma forma de vida. Um encontro pedagógico para pensar um mundo para todos/as. A sala de aula pressupõe uma paciência histórica de reflexão, respeito e amadurecimento do educador e educandos de modo que a reflexão se torne a síntese da realidade concreta. A conscientização, torna-se uma reflexão rigorosa sobre a realidade. Nos círculos de cultura aprende-se em ‘reciprocidades de consciências’; não há professor, há um coordenador, que tem por função propiciar condições favoráveis à dinâmica do grupo, reduzindo ao mínimo sua intervenção direta no curso do diálogo” (FIORI, 2014, p. 15). A metodologia dos Círculos de Cultura nos dá segurança, integração, reflexão, diálogo, caminhos e possibilidades importantes para avançarmos nas práticas pedagógicas no contexto da sala de aula. Entende -se, portanto, os Círculos de Cultura, na perspectiva da ação-reflexão-ação, como condição para construção de metodologias ativas de ensino e de aprendizagem em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo problematizar o espaço da sala de aula, na perspectiva metodológica para a prática pedagógica democrática, trazendo para o diálogo as metodologias ativas como um dos caminhos possíveis, fundamentados pelas experiências problematizadoras dos Círculos de Cultura apresentado Paulo Freire ao longo de sua prática pedagógica. Evidenciamos que os Círculos de Cultura valorizam a cultura do educando e propõem a problematização da realidade, para que o educando construa sua autonomia pedagógica. Os educandos são protagonistas do espaço da sala de aula, conjuntamente com seus educadores (mediadores) da prática pedagógica, aprendendo e ensinando ao mesmo tempo.

Um dos pontos fundamentais que merece destaque nessa discussão é a consciência do inacabamento do educador e do educando. A sala de aula é um espaço de diálogo, de compreender-se como seres inconclusos que assumem as suas responsabilidades, compreendem-se a si mesmo e ao outro e coletivamente intervêm na realidade. É uma transformação de si e respeito aos outros sujeitos, que dialogam com os saberes culturais e os conhecimentos científicos, proporcionando novos conhecimentos e modificando a realidade social, cultural e política.

Trazer também o debate referente as metodologias ativas, proporcionou evidenciar que ainda elas precisam estar mais presentes nos espaços da educação, pois propiciam a participação ativa dos educandos como sujeitos do conhecimento e de suas práticas. Diríamos que as metodologias ativas, são fundamentais para a prática pedagógica, justamente por trazer presente o debate metodológico inovador, diferente do ensino tradicional, livresco presente a muito tempo na educação brasileira. Pensamos que as metodologias ativas apresentam um caminho metodológico fundamental para aproximar o educando e educador dos conhecimentos e das práticas reais. Torna-se uma prática pedagógica responsável, coletiva em que o diálogo torna o elemento aglutinador do ensino e aprendizagem.

E para finalizar, apresentamos os Círculos de Cultura de Paulo Freire como uma das metodologias importante para o processo de ensino aprendizagem no contexto da sala de aula. Um dos primeiros aspectos do Círculo de Cultura é tomar distância da realidade, olhando para ela como sujeito integrante da realidade. Quanto mais nos conscientizamos, mais compreendemos a realidade e interferimos nela. Assim, problematizamos a realidade ingênua, para uma postura crítica, transformando a realidade vivia e a própria consciência reflexiva do educando. Descobrimos com isso as contradições da realidade e construímos uma realidade concreta. Os Círculos de Cultura possibilitam transformara a realidade e a si mesmos, como sujeitos autônomos, reflexivos, dialógicos e coletivos.

Sabedores que precisamos ainda avançar no debate referente a metodologias ativas, os Círculos de Cultura e na consciência do inacabamento, mas tendo desenvolvido muitos aprendizados sobre as temáticas, nos cabe agora, socializar tais conhecimentos, tanto nas práticas pedagógicas no contexto da sala de aula, para que de fato construir novos saberes e novos sujeitos com consciência do inacabamento, mas com a certeza que boas metodologias proporcionam melhores compreensões referente as práticas pedagógicas, como educandos e educadores que compartilham de Círculos de Cultura e fazem de si mesmo e da realidade, construtores de novos saberes.

NOTAS

1. Compreendido a partir do uso da linguagem e os modos de vida dos grupos e sua realidade, permitindo aproximar com a singularidade nas formas de falar do povo, suas experiências de vida, como perspectiva de aproximação dos sujeitos (interpretação dos autores).
2. Unidade básica de orientação dos debates (interpretação dos autores).
3. A tematização pode ocorrer a partir de fotografias, imagens, desenhos das realidades dos educandos, suscitando debates e diferentes compreensões na ação pedagógica (interpretação dos autores).

REFERÊNCIAS

- BACICH, L; MORAN, J. (org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- CAMARGO, F.; DAROS, T. **A sala de aula inovadora: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo**. Porto Alegre: Penso, 2018. p. 13-17.
- DEWEY, John. **Democracia e Educação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.
- _____. **Experiência e educação**. Petrópolis: Vozes, 1976.

-
- FIORI, E. M. Prefácio: Aprender a dizer a sua palavra. In: FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25 ed. São Paulo. Paz e Terra, 1996.
- _____. **Conscientização: teoria e prática da libertação – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3. ed. 2. São Paulo: Centauro, 2008.
- _____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época). v. 22.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 56. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- HENZ, C.; FREITAS, L. M. Círculos Dialógicos Investigativo-formativos e Auto(trans) formação Permanente de Professores. In: HENZ, C. I.; TONIOLO, J. M. S. A. (org.). **Dialogus: círculos dialógicos, humanização e auto(trans)formação de professores**. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- MORAN, J. Mudando a educação com metodologias ativas. In: **Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens**. 2015.
- MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- SILVA, Kátia A. C. P. C. A formação de professores na perspectiva crítico-emancipatório. **Linhas Críticas**, Brasília, DF, v. 17, n. 32, p. 13-31, jan./abr. 2011.
- ZITKOSKI, J. Diálogo/Dialogicidade. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

